# Aparições Fotográficas do negro na obra Primeira Página: 95 Anos de história nas capas mais importantes da *Folha*

**Aparições Fotográficas do negro na obra Primeira Página: 95 Anos de história nas capas mais importantes da *Folha***

Luiz Berto Neto[1]
Rafiza Varão[2]

**Resumo:** A década de 2020 iniciou marcada por disputas de narrativas acerca de raça. Movimentos por representatividade e local de fala evidenciaram o descontentamento quanto à imagem midiática de sujeitos negros. O artigo se propõe a investigar a representação fotográfica de negros na obra *Primeira Página: 95 Anos de história nas capas mais importantes da Folha*. A intenção de analisar esta coletânea é analisar o duplo processo de seleção que elegeu o que iria para cada capa e quais capas iriam para o livro. O método utilizado foi o de análise de conteúdo categorial. Os resultados apontam para uma severa subrepresentação de homens negros e o quase total apagamento das mulheres negras na obra.

**Palavras-Chave:** *Folha de S. Paulo*; História do Jornalismo; Raça; Representação; Negros.

**Abstract**: The 2020s began marked by narrative disputes about race. Movements for representativeness and place of speech evidenced dissatisfaction with the media image of black subjects. The article proposes to investigate the photographic representation of blacks in the book Primeira Página: 95 Anos de História on the most important covers of Folha. The intention of analyzing this collection is to analyze the double selection process that chose what would go to each cover and which covers would go to the book. The method used was categorical content analysis. The results point to a severe underrepresentation of black men and the almost total erasure of black women in the work.

**Keywords**: Folha de S. Paulo; History of Journalism; Race; Representation; Blacks.

[1] Estudante do Curso de Jornalismo da Universidade de Brasília (UnB); bolsista do CNPq; E-mail: luizbertodf@gmail.com
[2] Orientadora do trabalho. Professora do Departamento de Jornalismo (JOR) da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rafiza@gmail.com

## Introdução

O jornalismo brasileiro tem um histórico complexo quando o assunto é a população negra. Enquanto a escravidão preenchia a sessão de classificados dos primeiros jornais, abolicionistas criavam seus próprios veículos para divulgação e organização política. Os primeiros jornais do Brasil foram financiados, quando não pelo Estado escravocrata, pelos senhores escravocratas. Gilberto Freyre (2015) estudou os anúncios de escravos nos jornais brasileiros na obra *O Escravo Nos Anúncios De Jornais do Século XIX*. Por muito tempo, era esta, para ele, a melhor representação do negro na literatura. Isso porque "[...] fosse o anunciante embelezar a figura da fujão, era capaz de ficar sem ele toda a vida" (FREYRE, 2015, p. 26). Tornou-se um dos poucos relatos confiáveis da época quanto à estética do sujeito negro no jornalismo. Após a abolição, os negros sumiriam dos jornais por algum tempo. Freyre descreve este fenômeno:

> Os negros fugidos foram se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, de um realismo como não há igual em nossa literatura, deixando de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivado pela figura - quase um borrão - de um negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô. Até que desapareceram de todo. Era a abolição que se aproximava. Jornais que aderiram ao movimento emancipador e por escrúpulos, até então desconhecidos, de dignidade jornalística, recusavam-se a publicar um anúncio de compra e venda de gente e sobretudo de fuga ou de desaparecimento de escravos. (FREYRE, 2015, p. 16)

Posteriormente, voltaram às páginas dos jornais, nas mais variadas maneiras. O livro *Primeira Página: 95 Anos de História nas capas mais importantes da Folha de S. Paulo* é o objeto de estudo deste trabalho, focado em perceber como os negros foram representados nas capas da *Folha*. Trata-se de um compêndio realizado pela *Folha* para agregar suas capas mais importantes em um único livro de caráter documental.

A obra passou por dois processos de edição. O primeiro foi feito na redação, no calor do fechamento do impresso e com horário para a enviar para a gráfica, com um olhar jornalístico. O segundo foi feito muito tempo depois, com um olhar histórico e organizado. O editor Otavio Frias Filho comentou sobre o primeiro processo de edição: "Somente uma parcela

ínfima [dos acontecimentos] é recolhida e relatada às pressas pelos jornais; parcela ainda menor é projetada, depois de vencer uma corrida semelhante à da seleção natural, nas primeiras páginas" (PUBLIFOLHA, 2016, p. 7).

Já sobre o segundo processo de edição, o de seleção de quais capas iriam para o livro, comenta o acadêmico Nicolau Sevcenko:

> [...] aparecem lado a lado a irrupção de uma guerra sangrenta, que põe em risco a própria sobrevivência da humanidade, o casamento de uma atriz de TV nacionalmente conhecida, um gol anulado numa disputa entre times locais e um chimpanzé que fugiu do circo e subiu num poste de iluminação. Qual é o critério dessa perversa reunião? Não há um critério só; há múltiplos, todos parciais e todos discutíveis. (PUBLIFOLHA, 2016, p. 8).

Para a jornalista negra Cíntia Cruz, do jornal *Extra*, as matérias que envolvem negros costumam aparecer principalmente em reportagens temáticas sobre consciência e negra e só. A jornalista afirmou que seu sonho "é ter uma editoria sobre o negro dentro do grande jornal em que eu pudesse falar que as mulheres negras são as que mais morrem nos hospitais. Em relação ao jornalismo, eu sinto um pouco essa falta" (PÚBLICA, 2017)[3]. O produto imagético mais imediato destas disputas no âmbito racial são as capas de jornal. Não apenas na forma como o negro aparece, como também na forma que não aparece.

Assim, a pergunta que pauta este estudo é: como foi a representação dos negros na obra *Primeira Página: 95 Anos de história nas capas mais importantes da Folha*? É fácil apontar a ausência de negros na maioria das capas, mas apontar razões requer uma observação mais responsável e cuidadosa. As capas vão de 1921 a 2016, sendo 224 capas no total.

Os métodos adotados são os da revisão bibliográfica e análise de conteúdo. Analisando a obra, as aparições fotográficas de negros são mapeadas por data e classificadas por tema, personagem e editoria. A partir destes dados, será possível uma mais clara interpretação dos dados.

[3] Disponível em: https://apublica.org/2017/12/racismo-no-jornalismo-e-nas-redacoes/. Acesso em: 27 abr. 2020.

## 1. Primeiras representações do negro na imprensa brasileira

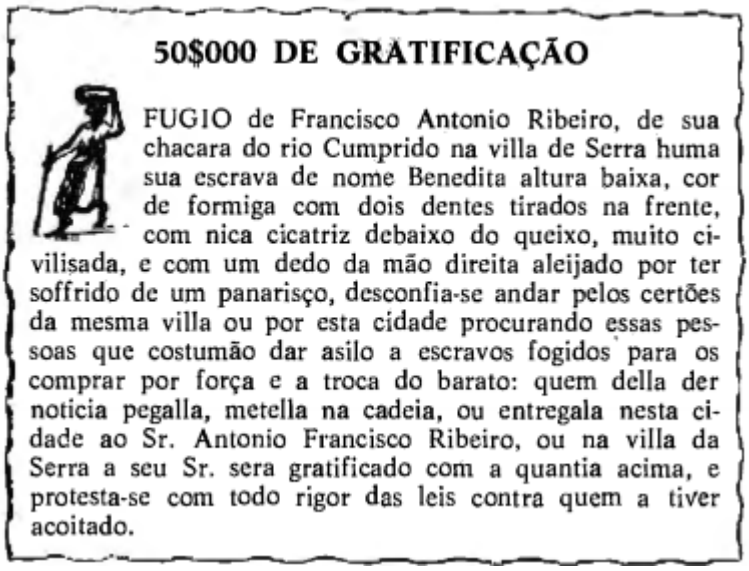
O negro aparece primeiro no jornalismo brasileiro na forma de produto. O anúncio de pessoas escravizadas foi um motor publicitário importante para os primeiros veículos de comunicação do país durante o final do período colonial (1808) até o período imperial, tornando-se menos importante conforme a abolição se tornava mais e mais lugar comum:

> Os negros fugidos foram se sumindo aos poucos, escondendo-se nos cantos das páginas, encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, de um realismo como não há igual nossa literatura, deixando de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivado pela figura - quase um borrão - de um negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô. Até que desapareceram de todo. Era a abolição que se aproximava. Jornais que aderiram ao movimento emancipador, e por escrúpulos, até então desconhecidos, de dignidade jornalística, recusavam-se a publicar anúncio de compra e venda de de gente e sobretudo de fuga ou até desaparecimento de escravos. (FREYRE, 2010, p. 95).

A rica análise de Freyre foca nos maneirismos e na linguagem utilizada pelos anunciantes, além de construir um perfil antropológico dos negros da época utilizando as descrições físicas. Entretanto, talvez por dedicar-se há tanto tempo a este estudo, é forçoso ressaltar que o autor sutilmente romantiza o período escravocrata e seus produtos literários. Da citação acima, é possível notar o pesar com o fim destes anúncios e com o minguamento de sua "anunciologia".

A linguagem empregada nos anúncios de negros e negras escravizados, à venda ou fugidos, era repleta de detalhes. O anúncio visava a identificação precisa do indivíduo mencionado nos anúncios e, ironicamente, o nível de descrição, acabava por humanizar o sujeito de maneira única. Eventualmente, quando a escravidão ganhou uma fama tão ruim que a simples venda de anúncios poderia prejudicar as vendas de um jornal, estes anúncios foram desaparecendo e a aparição dos negros no jornal migrou para a editoria policial (ANDI, 2015) e a de esportes (PORTARI, 2007, p. 1), aparecendo também quando há algum desastre (PORTARI, 2007, p. 10), como uma enchente ou desabamento.

.Figura 1- Anúncio sobre pessoa escravizada fugida em jornal do século XX.



**50$000 DE GRATIFICAÇÃO**

FUGIO de Francisco Antonio Ribeiro, de sua chacara do rio Cumprido na villa de Serra huma sua escrava de nome Benedita altura baixa, cor de formiga com dois dentes tirados na frente, com nica cicatriz debaixo do queixo, muito civilisada, e com um dedo da mão direita aleijado por ter soffrido de um panarisço, desconfia-se andar pelos certões da mesma villa ou por esta cidade procurando essas pessoas que costumão dar asilo a escravos fogidos para os comprar por força e a troca do barato: quem della der noticia pegalla, metella na cadeia, ou entregala nesta cidade ao Sr. Antonio Francisco Ribeiro, ou na villa da Serra a seu Sr. sera gratificado com a quantia acima, e protesta-se com todo rigor das leis contra quem a tiver acoitado.

Fonte: FREYRE, 2010, p. 85.

Simultaneamente, a imprensa também foi utilizada para propagar ideais abolicionistas e, posteriormente, antiracistas ─ e serviu de plataforma para jornalistas negros como Luís Gama e Machado de Assis. O primeiro jornal brasileiro (embora impresso em Londres), o *Correio Braziliense*, tinha um viés abolicionista e criticava duramente o sistema vigente.

Por ocupar tantas e diversas posições na linha de montagem do produto jornalístico, é impossível falar da história da imprensa brasileira sem falar da história do sujeito negro.

Embora a prática jornalística no Brasil ainda seja majoritariamente branca (em São Paulo, por exemplo, estima-se que apenas cerca de 13% dos jornalistas de carteira assinada são negros[4]), os negros sempre disputaram este espaço. Grandes nomes da história nacional como Luís Gama, José do Patrocínio e Machado de Assis ganhavam a vida como jornalistas e faziam, cada um a seu jeito, esforços abolicionistas. Apesar destes grandes nomes, pouco mudou com os anos.

Os negros também são o grupo mais atacado pela mídia, de acordo com o guia de monitoramento Violações de Direitos na Mídia Brasileira. 62,7% dos personagens que tiveram seus direitos violados eram pretos e pardos, e os familiares dos personagens que tiveram seus

[4] Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/racismo-e-a-imprensa-brasileira/. Acesso em 16 nov. 2021

direitos violados também eram majoritariamente pretos ou pardos (70,5%) (ANDI, 2016, p. 81). Entretanto, vale ressaltar que a pesquisa cobria apenas conteúdo televisivo de programas policialescos, não necessariamente refletindo a realidade do jornalismo impresso.

Vale aqui ressaltar a noção de Racismo Estrutural traga por Silvio Almeida (2019, p. 15):

> A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.

## 2. *Folha de S. Paulo*

Em 1921 os jornalistas Olival Costa e Pedro Cunha fundaram o *Folha da Noite*.

> São Paulo dobrava de tamanho a cada duas décadas. Obras de reforma urbana rasgavam a cidade, modernizavam a infraestrutura [...]. Linhas de bondes elétricos foram extendidas aos bairros operários, e era neles que os trabalhadores paulistanos liam a Folha da Noite que pretendia ser diferente dos outros jornais, tanto no aspecto físico como no conteúdo: mais leve, com menos artigos rebuscados, mais noticiário, textos mais curtos e mais espaço para esportes. (DE SOUZA, 2012 p. 22)

Em 1930, getulistas destruíram a redação e o jornal foi vendido dois anos depois, após a morte de Olival Costa. O comprador, Octaviano Alves De Lima, era um latifundiário da elite paulista. A Folha não era mais uma aventura empresarial de jornalistas sonhadores, mas sim uma aventura jornalística de empresários ambiciosos (DE SOUZA, 2012 p. 22).

Em 1945, o jornal foi vendido para o advogado José Nabantino Ramos, que modernizou a redação e implementou um código de conduta visando uma prática jornalística mais objetiva e ética. A administração dos editores foi revolucionada. Em 1960, as três edições foram fundidas e o jornal se tornou *Folha de S. Paulo*. Após uma greve de três dias contra as novas políticas do jornal, Nabantino vendeu a empresa para o empresário Octavio Frias de Oliveira. Trabalhou na empresa até sua morte, em 2007. Em 2008, seu filho Octavio Frias Filho assumiu a empresa.

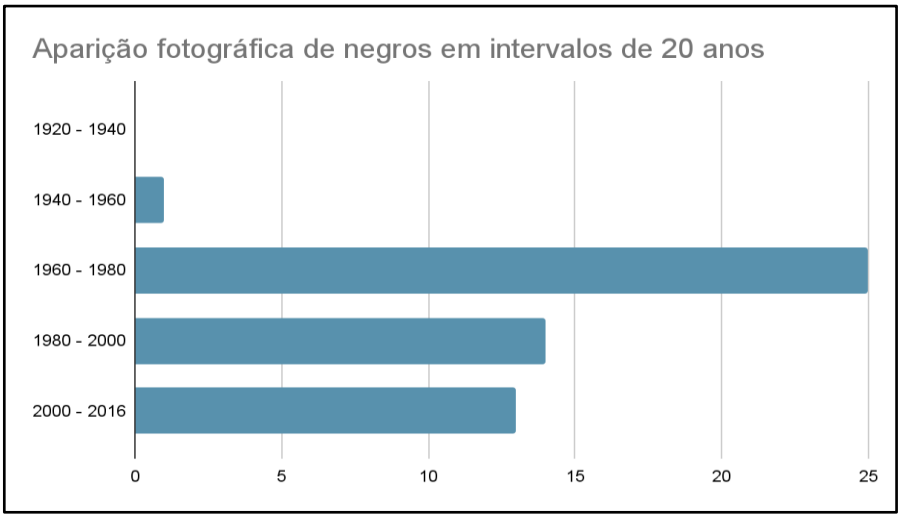
O histórico da *Folha* é de independência editorial, predisposição ao conservadorismo, e houve perseguição contra o jornal não apenas pelas ditaduras de Vargas e a militar, como também por governos do período democrático, como o de Collor e o de Bolsonaro.

O jornal mais vendido do Brasil tem marcos relevantes na história do jornalismo brasileiro, como ter o maior parque gráfico da América Latina e por ter tido a primeira capa 100% digital do Brasil. Em abril de 2019, abriu a editoria da diversidade para aumentar a representatividade tanto na produção quanto no próprio jornal.

## 3. Análise

O trabalho metodológico da pesquisa consiste na análise da obra *Primeira Página: 95 Anos de história nas capas mais importantes da Folha* (PUBLIFOLHA, 2016). As aparições fotojornalísticas de negros (ou presumivelmente negros pela presença de fenótipos negros) foram listadas e classificadas dentro de categorias temáticas. O objetivo é explicitar e interpretar os números, aprofundando o olhar sobre o tema.

Gráfico 12 - Aparição fotográfica de negros em intervalos de 20 anos na *Folha de S. Paulo*.




Fonte: elaborado pelos autores (as).

a) Categorias

Com o propósito de organizar o material pesquisado, as aparições de negros na obra foram categorizadas. Os critérios foram:

**Protagonista da notícia:** esta categoria se refere ao protagonismo na foto em questão. Por exemplo, se a foto mostra um político branco ao centro, cujo nome é listado na legenda, e há um funcionário negro atrás, esta foto é marcada como **não-protagonista**. Note-se que por negro entende-se indivíduo de pele preta ou escura.

**Editoria:** esta categoria se refere à editoria a que pertence a matéria ilustrada pela foto. Assim, uma foto de um presidente negro fazendo um discurso é marcada como política internacional.

Também é importante ressaltar que apenas serão consideradas imagens em que se possa identificar com facilidade ao menos um indivíduo negro. Fotos de multidões tiradas à distância, por exemplo, não constam como fotos com presença negra pois torna-se difícil ou impossível discernir.

Esses critérios geraram as categorias a) aparições e b) ausências, conforme se observa em seguida.

b) Aparições

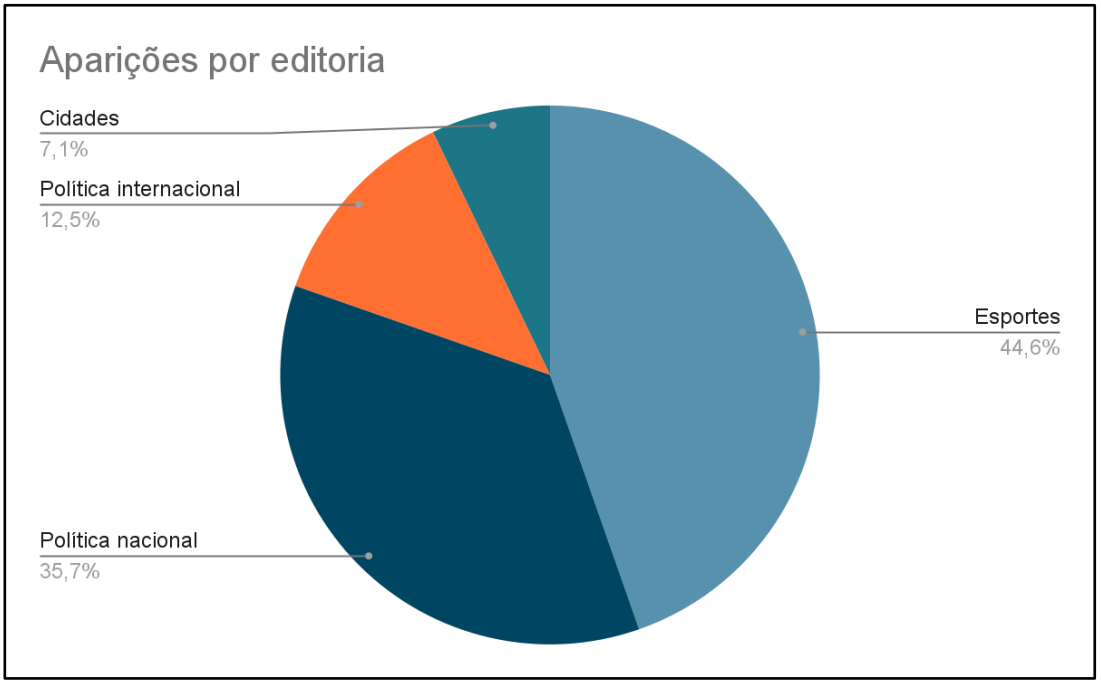
Essa categoria foi criada para descrever quantitativamente a presença de personagens negros nas fotografias das capas. Foram contabilizadas todas as fotos e capas e construímos tabelas para ilustrar a situação quantitativa.

Foram contabilizadas 224 capas, em que apareceram 491 fotografias. Entende-se por fotografia a unidade fotográfica, sendo possível múltiplas fotos em uma capa, por vezes do mesmo personagem. Houve aparição fotográfica de negros em 41 capas (18,30%) e em 56 fotos (11,6%). A editoria com o maior número de aparições é a de *Esportes*, com 25 fotos, seguida por *Política*, com 20 fotos. O personagem negro que mais apareceu na obra foi o Pelé, com 6 aparições, seguida por Barack Obama, com 3 aparições.

**Protagonista**: 50. **Não Protagonista**: 6.

**Esportes:** 25. **Política nacional:** 20. **Política Internacional:** 7. **Cidades**: 4.

Figura 3 - Aparições fotográficas de negros por editoria.




Fonte: o autor.

c) Ausências

Esta categoria foi criada para descrever as mais notáveis ausências e vazios estudados na obra. A falta de mulheres negras nas capas da obra é notável. As personagens capturadas nas fotografias eram sempre transeuntes ou anônimas. A exceção foi Mãe Menininha, que benzia Brizola em uma foto relativamente grande publicada em novembro de 1984. Nenhuma imagem dos negros chegou às capas da obra por mérito científico ou artístico. Mesmo Gilberto Gil, músico brasileiro e ex-ministro da Cultura, só apareceu na posição de político.

## Considerações finais

É possível pensar em motivos além do racismo estrutural nas redações que explicassem o fenômeno observado. A dimensão material em que o jornal estava inserido se impunha como o fator mais importante na construção das capas. Isso pois a escolha do editor do que entra e o que sai do produto final é pontual. O determinante maior é o mundo observado.

O valor notícia é largamente determinado pelos fatores "personagem" e "proximidade político-geográfica". No Brasil, o racismo estrutural é um impeditivo para que mais negros ocupem posições de destaque e poder. No futebol, a representação negra é majoritária. E como o período 1921-2016 não foi marcado pela popularidade do futebol feminino, entende-se a ausência de jogadoras nas capas.

Uma questão importante para a *Folha* sempre foi a política internacional. Os fenômenos do colonialismo, imperialismo e neo-imperialismo tornaram as nações de maioria negra pouco relevantes na política internacional. Os políticos estrangeiros negros representados eram estadunidenses ou sul-africanos. Todos estes países com uma população branca grande, tornando-os mais próximos geográfico-politicamente do Brasil.

É inegável que a população negra é sub-representada nas capas da obra estudada, uma vez que . Um exercício interessante seria imaginar que antropólogos alienígenas um dia achassem a obra estudada e tentassem descrever os povos do Brasil (ou ao menos, os de São Paulo). Achariam que a maioria da população era branca, que mulheres eram uma rara incidência genética e que mulheres negras mais ainda? A obra certamente apontaria para este caminho.

A realidade em que os jornalistas da *Folha* estavam inseridos era tremendamente racista. Os postos de poder simbólico, que são os que costumam ser representados, criticados e expostos nas capas de jornais, eram ocupados quase que exclusivamente por homens brancos. Até mesmo a editoria de política internacional era (e é) dominada por personagens brancos. A única editoria forte nas primeiras páginas em que a incidência de personagens negros é alta é a do esporte, em que

Ao mesmo tempo, o racismo estrutural dentro da própria editoria não pode ser descartado para uma análise séria. A ausência de editores negros, a proibição nos períodos ditatoriais de tratar de temas como racismo e uma tradição jornalística excludente são também fatores chave para a compreensão do fenômeno.

Conclui-se, então, que a presença de negros nas capas da folha ao longo das capas abarcadas pela obra *Primeira Página: 95 Anos de História nas capas mais importantes da Folha* é pequena e marcada pelo futebol, o que demonstra uma cobertura fora dos ideais estabelecidos pelos códigos de ética utilizados aqui como parâmetro. Estudos adicionais sobre

a relação entre a representação fotográfica do negro e o esporte adicionariam à gama de conhecimentos necessária para a compreensão completa deste fenômeno. Complementarmente, a ausência de mulheres negras também é marcante e merece atenção em trabalhos futuros.

## Referências

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. [*S. l.*]: Pólen, 2019.

ANDI. **Violações de direito na mídia:** Guia de monitoramento. Brasília: Andi, 2015.

ANDI. **Violações de direito na mídia:** Guia de monitoramento. Brasília: Andi, 2016.

DE SOUZA, A. E. **Folha:** Coleção Folha Explica. São Paulo: PubliFolha, 2012.

MERGULHE na história da Folha em 100 fatos marcantes do jornal - parte 3. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 fev. 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/mergulhe-na-historia-da-folha-em-100-fatos-marcantes-do-jornal-parte-3.shtml . Acesso em: 9 nov. 2021.

FREYRE, G. **O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX.** 4. ed. São Paulo: Global editora, 2010.